

O EVOLUCIONISMO E SEUS PROBLEMAS

Victor Giovanni Pina de Mello¹

RESUMO

O Evolucionismo foi um dos conceitos da sociedade ocidental que mudou a crença dos indivíduos sobre a origem da vida. Essa inovação do pensamento não ficou restrita ao meio “secular”, mas atingiu alguns cristãos fazendo-os mudar a interpretação sobre o surgimento da vida, descrito em Gênesis. Portanto, este artigo tem o objetivo de fazer uma pesquisa bibliográfica para analisar o Evolucionismo numa perspectiva crítica e, assim, mostrar que os cristãos não precisam ser influenciados pelas ideias darwinistas. Para isso fez-se necessário entender como o Evolucionismo surgiu e analisar a cosmovisão a que ele está associado. Isso significa que o Naturalismo foi levado em consideração num breve viés para se entender como ele influenciou e contribuiu para essa cosmovisão. Com a finalidade de se ter uma perspectiva crítica sobre o Evolucionismo, foi necessário, também, analisar as bases científicas em que ele se fundamenta: evolução pré-biológica, registros fósseis e a relação da seleção natural com a mutação. Após refletir sobre essas três abordagens, é possível concluir que o Evolucionismo nunca ocorreu e, assim, não faz parte da ciência.

PALAVRAS-CHAVE

Criacionismo. Naturalismo. Evolucionismo. Cosmovisão. Mutação. Seleção Natural.

¹ O autor é mestrando em Física pela Universidade Federal de Goiás, especialista em Docência no Ensino Superior pelo Centro Universitário UNISEB, bacharelado em Teologia pelo Seminário Presbiteriano Brasil Central e bacharel em Física pela Universidade Federal de Goiás. E-mail: victorgpm88@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Existe uma grande obscuridade, no meio evangélico, no que diz respeito ao assunto Criacionismo (teoria da origem dos seres). A seguir serão listadas as três principais teorias que existe entre os cristãos e suas respectivas análises.

Uma delas se chama “criacionismo progressivo” e que está embasada na interpretação do sentido da palavra “dias”, em Gênesis 1. Os seguidores dessa teoria creem que a palavra “dias” se refere a períodos que equivaleriam a milhões de anos onde a atividade criadora de Deus aconteceu em uma progressão de milhares de anos. Os defensores do “criacionismo progressivo” creem que no primeiro dia Deus formou o oceano e a atmosfera; no segundo dia a terra seca e a vegetação; no terceiro dia a oxigenação e o aclaramento da atmosfera; no quinto dia os animais terrestres e humanos; e no sexto dia a humanidade. Mas, para eles, o espaço de tempo entre uma criação e outra duraria milhares de anos. Essa teoria servirá, por exemplo, para fazer uma correlação satisfatória entre o relato de Gênesis sobre a criação e um modelo aceitável da origem da Terra segundo a ótica astronômica e geológica. (MORELAND, REYNOLDS, 2006)

Uma segunda teoria da criação, aceita por vários cristãos, se chama “teísmo evolucionista”. Os que acreditam nessa tese não creem que existe um antagonismo entre a criação divina e a evolução biótica. Eles creem que a criação, executada por Deus, prendada de todas as capacidades que seriam necessárias para possibilitar a evolução biótica. Ou seja, eles acreditam que Deus dotou a criação de capacidade de auto-organização e de transformação que, numa linha de tempo ininterrupta, possibilitaria a evolução da matéria inorgânica até às plenitudes de formas de vida existentes. (MORELAND, REYNOLDS, 2006)

E o terceiro entendimento que os cristãos têm sobre a criação é chamada de “teoria da criação recente da Terra”, também denominado de Criacionismo. O principal entendimento dos cristãos que acreditam nela é, segundo Moreland e Reynolds (2006): a filosofia da ciência é aberta. O mundo está aberto para a ação direta de Deus, todos os seres fundamentais foram criados pela ação direta de Deus, conforme descrito em Gênesis 1 e 2, e tendo o entendimento da palavra “dias” no sentido literal. Acreditam também que a maldição descrita em Gênesis 3 afetou profundamente a

relação do homem com Deus, com o mundo criado e com o próprio homem, e, por último, os criacionistas creem que o dilúvio de Noé foi um evento histórico, ou seja, de fato ocorreu.

Os argumentos de Moreland e Reynolds (2006) mostram que as ideias do Evolucionismo não ficaram restritas ao meio acadêmico “secular”, mas atingiu o modo como os cristãos leem e entendem a Bíblia. Este artigo não tem como objetivo avaliar qual teoria criacionista é mais coerente com as Escrituras (fato que pode ficar para outro artigo), mas o objetivo é mostrar que o Evolucionismo, de fato, nunca ocorreu e, assim, não há motivo para os cristãos serem influenciados pelas ideias de Darwin. Esse objetivo será conquistado atacando o Darwinismo na área em que ele alega ser mais forte: na ciência.

1. HISTÓRIA DO SURGIMENTO DO EVOLUCIONISMO

Relatos da criação existiram em várias culturas. Um exemplo disso é o relato da criação na sociedade Mesopotâmia. Nele está escrito que Enki, o deus das profundezas e da sabedoria, criou o homem do barro a partir de Nippur, uma cidade da Mesopotâmia que serviria como base para a ação dessa deidade na Suméria e a partir de onde essa deidade desenvolveria todas as formas de cultura. A sociedade suméria acreditava que o homem foi criado a partir do sangue do deus Tiamat, que morrera numa luta com Marduque, o deus patrono da Babilônia. (ELWELL, 1998; TENNEY, 2008; YOUNGBLOOD, 2004)

Já a sociedade egípcia acreditava que um deus chamado Ra emergiu das águas do Mundo Inferior e era auto criado. Para eles, Ra criou as outras deidades como Ísis, Osíris e Séti, que precederam os seres humanos na criação. (ELWELL, 1998; TENNEY, 2008; YOUNGBLOOD, 2004)

Apesar de os mesopotâmios, sumérios e egípcios creditarem a criação a alguma deidade, os gregos não faziam assim. Isso por que, os deuses gregos foram criados por forças anteriores à existência deles e que por eles foram substituídas. (ELWELL, 1998; TENNEY, 2008; YOUNGBLOOD, 2004)

No decurso da história, esses entendimentos foram substituídos pela cosmovisão cristã da criação. Esta cosmovisão credita todos os fenômenos existentes a Deus, que é o criador exclusivo e

a quem pertence toda responsabilidade pelo mundo da natureza e dos homens. O conceito cristão de criação enfatiza a majestade transcendente do Criador e está descrito em Gênesis 1, que mostra uma criação como fruto da atividade livre e espontânea de Deus através da Palavra. Isso significa que a criação foi *ex nihilo*, ou seja, o mundo não foi moldado a partir de qualquer material pré-existente, mas a partir do nada. (ELWELL, 1998; TENNEY, 2008; YOUNGBLOOD, 2004)

No período da patrística havia duas principais formas de entender o criacionismo, que estavam embasadas na forma de interpretar Gênesis 1. A primeira cria que Deus fizera o mundo em um só ato e os seis dias seriam “estágios do conhecimento da revelação”. Esse entendimento foi defendido por Filo, Clemente, Orígenes, Atanásio, Agostinho, Erigena, Abelardo, Cajetan, Canus, Gonzáles entre outros (BAVINCK, 2012). A segunda posição defendida pelos pais da igreja adere ao sentido literal da narrativa da criação, incluindo os seis dias. Ela foi seguida por Tertuliano, Basílio, Gregório de Nissa, Ephraem, João Damasceno entre outros. Posteriormente ela alcançou predomínio quase exclusivo na Idade Média. (BAVINCK, 2012)

Na Idade Média, ocorreram dois fatos importantes: o primeiro foi a criação das grandes universidades (a partir do século XI) que contribuíram para o desenvolvimento das ciências naturais e que continham os cursos de artes, medicina, direito e teologia, e o segundo foi o surgimento de uma nova classe de “filósofos-teólogos naturais”, dentro do contexto universitário, e que estavam convencidos de que o estudo do mundo natural era teologicamente legítimo, pois queriam recursos para melhor compreender o mundo e, assim, o Deus que o havia criado. (MACGRATH, 2005)

Esses fatos contribuíram para mudar a maneira como as pessoas viam a realidade. A primeira mudança se deu na astronomia. A astronomia da Idade Média estava firmada em três premissas: a terra é o centro do universo; todos os corpos celestes circulam ao redor da terra; e as rotações são circulares e que ainda são centro de outras rotações, chamadas de epiciclos.

No contexto universitário, surgiram três grandes cientistas que mudaram essa maneira de ver o mundo: Copérnico, Tycho Brahe e Johannes Kepler. O primeiro dizia que o planeta terra movia-se em torno de seu próprio eixo e em torno do sol. O segundo cientista citado dedicou sua vida para fazer observações que foram usadas por Kepler para construir o modelo heliocêntrico que se conhece hoje. (NUSSENZVEIG, 2004)

Esses fatos foram importantes porque os teólogos da Idade Média estavam acostumados a interpretar os textos da Bíblia de acordo com o modelo geocêntrico e quando surge outro modelo, levou-os a reformular a interpretação de algumas passagens bíblicas, como a de Josué 10.12, que fala da parada do sol sob o comando de Josué. Além do sentido literal e do alegórico, que foram explicados acima, a controvérsia astronômica deu origem a uma nova maneira de se interpretar a Bíblia que foi chamada de acomodação. Esse nome é dado à interpretação da Bíblia que afirma que várias passagens (como as de Gênesis e a de Josué) usaram linguagem e imagens apropriadas às condições culturais do público receptivo, ou seja, não eram textos astronômicos, geográficos e nem biológicos. (MACGRATH, 2005)

A controvérsia astronômica foi o primeiro “choque” na Idade Média entre ciência e religião.; A segunda foi liderada por Newton (Isaac Newton). Usando conceitos simples de massa, espaço e tempo. Esse cientista conseguiu descobrir leis que regessem tanto o movimento dos corpos na terra quanto o dos corpos celestiais. Os estudos de Newton tiveram tanto sucesso que o cientista conseguiu descrever, satisfatoriamente, vários fenômenos como o cometa Halley, as marés e até a forma da terra. Com tudo isso, o que Newton demonstrou é que vários fenômenos observáveis poderiam ser explicados através de alguns princípios universais. Isso gerou a “visão mecanicista” do mundo segundo a qual o universo seria uma grande máquina que funcionava segundo leis fixas. (NUSSENZVEIG, 2004)

O sucesso dessa cosmovisão de Newton gerou um desenvolvimento religioso que culminou no deísmo: filosofia que afirma que Deus criou o universo, mas não se envolve com o mundo. E esse foi o modo de entender a realidade de vários grandes pensadores que sucederam Newton como Thomas Hobbes, David Hume, John Lock e Voltaire. Depois de excluir Deus do “mecanismo do mundo” o próximo passo foi excluí-lo do pensamento biológico, fato que se deu através do darwinismo. (MACGRATH, 2005)

Além da cosmovisão deísta, outro fato que influenciou o surgimento do darwinismo foi a Revolução Industrial. Ela criara riqueza e conforto que em séculos anteriores nunca poderia se imaginar e, assim, a civilização ocidental considerou-se destinada a guiar o mundo numa era de felicidade e fartura. Esse pensamento “otimista”, que caracterizou o século XIX, influenciou toda a sociedade, inclusive a ciência. (COSTA, 2004; GONZÁLEZ, 2011; GRENZ; OLSON, 2003)

Uma das influências mais poderosas se deu sobre um homem chamado Charles Darwin que chamou a atenção pública para a ideia de que as espécies não seriam entidades rígidas e imutáveis, mas que teriam chegado ao seu estado por um longo processo de “descendência com modificação” através da seleção natural. Isso significa que, para os darwinistas, as variações hereditárias possibilitam a seleção natural e, através dela, novas espécies de animais e plantas podem surgir. (JOHNSON, 2008; SINCLAIR, 2009)

Esse pensamento darwinista ganhou muito apoio no mundo ocidental porque afirmava estar fundamentado na ciência e, assim, em fatos. Isso gerava, na época, certa vantagem a eles (darwinistas) em contraste com os cristãos, pois se pensava que as afirmações destes não estavam firmadas em fatos, mas somente em opiniões religiosas subjetivas. (LOURENÇO, 2007; JOHNSON, 2008; SINCLAIR, 2009) Para os darwinistas era questão de tempo (porque esperavam o avanço tecnológico) provar os principais pontos do Evolucionismo, como a abiogênese (surgimento de material genético a partir de material inorgânico) e a existência de alguns elos perdidos. (JOHNSON, 2008; SINCLAIR, 2009) Mas isso nunca ocorreu.

2. ENTENDENDO O EVOLUCIONISMO

Primeiramente, deve-se entender que o Evolucionismo faz parte de uma cosmovisão chamada Naturalismo. O primeiro pressuposto dessa cosmovisão é que a matéria existe eternamente, e é tudo o que há, ou seja, Deus não existe, não existe o transcendente. (SINCLAIR, 2009) O fato é que nada vem do nada, ou seja, alguma “coisa” sempre existiu e, para os naturalistas, não é o Criador transcendente que sempre existiu, mas a matéria. Ou como afirma Bush (2010, p.28) “Naturalism is the belief that in the final analysis, nature is all that there is, and that “nature” is essentially unmodified by anything other than itself. In other words, nature itself is thought to be the ultimate reality”² Ainda sobre esse primeiro pressuposto do Naturalismo, Bush diz que:

Either there is no God or God has no effect or influence on nature... Naturalism claims that life on earth arose from natural substances by natural selection for natural ends. There is no reality that can properly be called supernatural. Spiritual

² O Naturalismo é a crença que, em última análise, a natureza é tudo o que existe e que ela não pode ser modificada por qualquer outra coisa que não seja ela mesma. Em outras palavras, a natureza é entendida como sendo a única realidade.

realities, according to naturalism, are either illusions or they are merely complex or unusual natural realities³ (BUSH, 2010, p. 28).

O segundo pressuposto naturalista é que o mundo funciona como um sistema fechado de causa e efeito. Quando se afirma que é um sistema fechado, o que se diz é que ele não está aberto ao reordenamento a partir do exterior, como por algum ser transcendente e autônomo (Deus). E quando se diz que o universo funciona como um sistema de “causa e efeito” a ideia que se passa é a do universo mecanicista de Newton, ou seja, todos os fenômenos que existem no universo podem ser explicados através das Leis da Natureza e, assim, não existe espaço para o sobrenatural. (SIRE, 2009) Nesse sistema fechado funcionando com causa e efeito, os naturalistas dizem que a vida teria surgido:

[...] from a single simple cell or collection of chemical processes approximating a working cell. This simple cell must have randomly (and without direction or programming) initiated orderly energy usage and replication processes over the years. The chemical activity and physical changes supposedly led to more complex arrangements that then mutated and began to use energy and replicate in new ways. Over time, all living things supposedly arose from those simple and randomly collected natural chemicals, with those ever more complex processes arising randomly and without intelligent design.⁴ (BUSH, 2010, p.30)

Esses princípios naturalistas são aplicados para explicar algumas características da vida como os seres humanos, a morte e a ética. Os seres humanos, para os naturalistas, apenas são parte do universo onde existe somente um elemento: a matéria. Para eles, a humanidade é feita a partir dela e somente dela; isso significa que as leis que se aplicam à matéria também se aplicam aos homens e, assim, são suficientes para explicar tudo o que se precisa deles. Isso tudo significa que a humanidade não é distinta de outros objetos do universo, pois são apenas um tipo de objeto entre muitos que existem. Esse tipo de pensamento leva a uma desvalorização do ser humano que pode

³ Ou Deus não existe ou ele não tem efeito sobre a natureza... Naturalismo diz que a vida na terra veio de substâncias naturais por seleção natural e finalidades naturais. Não existe o que se chama de realidade supernatural. A realidade espiritual, de acordo com o naturalismo, ou é uma ilusão ou meramente meios complexos ou não usuais da natureza se manifestar.

⁴ [...] de uma célula única ou uma coleção de processos químicos que se aproximam do trabalho efetuado por uma célula. Essa célula deve ser randomicamente (e sem direção ou programação) iniciado ordenação pelo uso de energia e se auto replicado durante anos. A atividade química e as mudanças físicas teriam levado a um arranjo mais complexo e a algumas mutações que foram replicadas durante anos pelo uso de energia. Depois de muito tempo, todas as coisas vivas teriam surgido dessa simples e randômica coleção de processos químicos naturais, com aqueles processos mais complexos que teriam surgido randomicamente sem o *design* de nenhuma inteligência.

ser vista nas seguintes palavras de Carl Sagan, ao refletir sobre a imagem da terra feita pela espaçonave Voyage 1 em 1990: “Our posturings, our imagined self-importance, the delusion that we have some privileged position in the Universe, are challenged by this point of pale light”⁵. (RICHARDS; GONZALEZ, 2010, p. 55)

Esse entendimento do ser humano leva a uma forma específica de entender a morte. Como homens e mulheres são constituídos de matéria e mais nada, a morte significa a desorganização da matéria e, assim, o desaparecimento do indivíduo. Toda essa forma de ver o mundo culmina numa forma específica de ver a ética. Para os naturalistas, o alicerce de todos os valores está nos seres humanos, pois nenhuma lei está “inscrita no cosmo”. O resultado disso é que uma boa ação é aquela que recebe a aprovação do grupo e que promove a sobrevivência dos seres humanos. (SIRE, 2009) O mesmo afirma Bush (2010, p.30) quando diz que, para o naturalismo, “All truth could be merely a pragmatically qualified set of ideas. No intrinsic truth exist, and yet naturalists claim that naturalism itself is true”⁶.

Todos os argumentos citados até agora têm o objetivo de justificar e mostrar que, antes de tudo, o Evolucionismo faz parte de uma cosmovisão que está embasada em pressupostos, e que pode afetar várias áreas da sociedade como a ética. Mas além de fazer parte de uma cosmovisão, pode-se afirmar que o Evolucionismo não está fundamentado na ciência.

Francis Bacon entendia a ciência como a formulação de teorias por parte dos cientistas para explicar dados experimentais preexistentes. David Hume adicionou um pouco sobre o entendimento de ciência ao dizer que, mesmo com teorias fundamentadas em vários dados, sempre poderiam existir observações que fugiriam à regra, ou seja, deve-se levar em conta que algumas observações não poderiam ser explicadas pela teoria. E isso é importante para o avanço da ciência, pois, ao se encontrar eventos que não são descritos pela teoria, uma nova formulação teórica deve ser desenvolvida e, assim, a ciência avança. Isso ocorreu várias vezes na história da ciência e o evento mais famoso foi o avanço que a ciência teve quando a teoria da relatividade de Einstein conseguiu descrever fenômenos não conseguidos pela mecânica de Newton. Fato que revolucionou a ciência e possibilitara a criação da Mecânica Quântica. (JOHNSON, 2008)

⁵ Nossas posturas, nossa imaginária auto-importância, a desilusão que nós temos alguma posição privilegiada no Universo; são mudadas por esse pálido ponto de luz.

⁶ Toda verdade pode ser meramente um conjunto de ideias pragmáticas. “Nenhuma verdade intrínseca existe no mundo, ainda que os naturalistas clamem para si a verdade”.

Popper entendeu muito bem tudo isso e afirmou que a ciência não é feita pela busca de evidências que apoiem uma teoria, mas pela busca de evidências falsificadoras que revelam a necessidade de melhorar e inovar uma explicação. Isso é importante porque, para Popper, a visão errada da ciência trai a si mesma pelo desejo de estar certa. Essa traição, segundo Popper, pode ocorrer pelo orgulho do cientista que deseja, a todo custo, defender uma teoria. Isso acontece, ainda, segundo Popper, porque as pessoas fundamentam suas carreiras profissionais e carreiras em teorias e, assim, o “ruir” de alguma teoria é o fim de toda uma carreira profissional. (JOHNSON, 2008)

Diante desse entendimento de ciência de Popper, a pergunta que se busca responder agora é: como o Evolucionismo se sai, se ele for julgado pela teoria científica de Popper? E a resposta é: o Evolucionismo não é ciência. Isso será mostrado posteriormente, mas o que se pode dizer aqui é que o Evolucionismo sempre foi protegido de testes empíricos.

Como fora explicado, o Evolucionismo está firmado no entendimento de que novas espécies foram originadas através de mutações genéticas sofridas por seus ancestrais comuns. Elas passaram a prevalecer através da seleção natural, ou seja, quando uma espécie sofre uma mutação genética que beneficia a espécie de alguma vantagem sobre a espécie anterior, a seleção natural é quem faz a espécie menos adaptada sumir e, assim, a mais adaptada passa a prevalecer.

Mas porque esse tipo de entendimento não é ciência? Porque o Evolucionismo, desde o começo, esteve protegido de testes empíricos. Isso porque Darwin sempre minimizou a importância dos registros fósseis. Esses registros eram importantes porque, se espécies são originárias de outras através de mutações, deve haver vários fósseis de animais intermediários entre uma espécie e outra. Mas esses fósseis nunca foram achados e Darwin minimizou a importância disso.

Outra teoria que é mantida como “fato”, e que nunca foi provada empiricamente, é o surgimento de matéria orgânica através da inorgânica, ou seja, os darwinistas dizem que uma célula viva teria surgido a partir de elementos químicos inanimados, fato que nunca foi provado experimentalmente. (JOHNSON, 2008)

Os registros fósseis e a evolução pré-biológica será explicado posteriormente, mas o que se deve considerar agora é que não se pode dizer que o Evolucionismo é uma ciência porque ele não está embasado em evidências experimentais, ou como afirma Johnson:

Os darwinistas algumas vezes descobrem evidência confirmadora, assim como os marxistas descobriram os capitalistas explorando os trabalhadores e os freudianos analisando pacientes que disseram que queriam matar seu pai e casar com sua mãe. Eles descobrem mais instâncias de microevolução, ou exemplos adicionais de relações naturais, ou um grupo fóssil que podem ter contido um ancestral dos mamíferos modernos. O que nunca descobrem é a evidência que contradiga a tese do ancestral comum, porque para os darwinistas tal evidência não pode existir. O “fato da evolução” é verdade por definição, e desse modo a informação negativa não é interessante, e geralmente não publicável. (JOHNSON, 2008, p.154)

O problema disso tudo é que os cientistas aceitaram a teoria de Darwin antes de ela ter sido testado rigorosamente. Talvez porque o darwinismo se encaixava na mente deísta que muitos cientistas tinham por causa da ciência de Newton, ou, talvez, porque o darwinismo se encaixava bem na ideia do “otimismo” sentido no ocidente pelo “progresso” causado pela Revolução Industrial: assim como a humanidade estava em progresso por causa da Revolução Industrial, as espécies de animais sempre estiveram em progresso. Independente dos motivos que possam ser postulados, o fato é que, mesmo sem ter base empírica, os cientistas passaram-na adiante e usou toda sua autoridade para convencer o público de que os processos naturais são suficientes para produzir um ser humano desde uma bactéria. Diante disso, “a ciência evolutiva se tornou a busca pela evidência confirmadora, e um modo de minimizar a importância da evidência negativa” (JOHNSON, 2008, p. 152)

Os assuntos abordados até aqui serão desenvolvidos posteriormente, mas o que se espera afirmar nessa prévia é que o Evolucionismo sempre fez parte de uma forma específica de ver o mundo e que ela nunca esteve firmada em fatos científicos. Por último, deve-se afirmar que o Evolucionismo incorpora um preconceito contra o cristianismo. Johnson (2008, p. 128) cita um darwinista que afirma que “o conflito entre ciência e religião é inescapável, a ponto de as pessoas que conseguiram reter crenças religiosas enquanto aceita a biologia evolutiva devem conferir seus cérebros ao entrarem na igreja”. O mesmo darwinista também diz que

A ciência moderna implica de forma direta que o mundo é organizado estritamente de acordo com princípios mecanicistas. Não há quaisquer princípios cheios de propósito na natureza. Não há deuses nem forças de *design* que sejam detectáveis com racionalidade... Em segundo lugar, a ciência moderna implica diretamente que não há leis morais ou éticas inerentes, nem princípios guiadores absolutos para a sociedade humana. Em terceiro lugar, os seres humanos são máquinas maravilhosamente complexas. O indivíduo humano se torna uma pessoa ética por

meio de dois mecanismos primários: herança e influências ambientais. Isso é tudo que existe. Em quarto lugar, devemos concluir que quando morremos, morremos e isso é o nosso fim... Por último, o livre-arbítrio, como é por tradição concebida – a liberdade para fazer escolhas não forçadas e imprevisíveis entre cursos de ações alternativas possíveis – simplesmente não existe... Não há meio pelo qual o processo evolutivo, como é concebido hoje em dia, possa produzir um ser que seja verdadeiramente livre para fazer escolhas. (JOHNSON, 2008, p.129)

Outra questão que evidencia a afirmação de que o Evolucionismo é hostil ao cristianismo é o fato de que a grande maioria dos biólogos evolucionistas são ateus que foram levados a essa posição pelo entendimento do processo evolutivo. Diante dessa situação, um darwinista disse que os poucos que não veem conflito entre a biologia evolucionista e a religião “ou são obtusos ou divididos no seu pensamento, ou são ateus efetivamente sem perceberem isso” (JOHNSON, 2008, p.130). Esses fatos existem em decorrência da teoria da evolução darwinista por se tratar de uma história sobre quem é o ser humano e de onde ele veio, sua origem. História que implica na “mitologização” do relato da criação. A substituição do criacionismo teísta não foi a única substituição feita pelos darwinistas de um conceito cristão. Johnson traz um trecho de um manifesto evolucionista onde é exposta a ideia de que a mensagem da salvação vem através da ciência:

Usando de modo sábio a tecnologia, podemos controlar o nosso ambiente, acabar com a pobreza, reduzir de maneira acentuada a doença, aumentar nossa duração de vida, modificar de maneira significativa nosso comportamento, alterar o curso da evolução humana e o desenvolvimento cultural, abrir novos vastos poderes e fornecer à humanidade oportunidades incomparáveis de atingir uma vida abundante e significativa. (JOHNSON, 2008, p. 134)

Essa citação comprova que o darwinismo é, para os evolucionistas, a história da libertação da humanidade da ilusão de que seu destino é controlado por um poder maior do que ela mesma.

Toda argumentação até aqui exposta neste tópico objetiva mostrar três características do Evolucionismo: ele faz parte de uma cosmovisão, não é ciência e é hostil ao Cristianismo. O próximo tópico será dedicado a mostrar alguns elementos importantes do Evolucionismo e como eles não se sustentam.

3. REFUTAÇÃO DO EVOLUCIONISMO

O Darwinismo será explicado com mais detalhes e refutado nos seguintes temas: evolução pré-biológica, mutação, seleção natural e o registro fóssil.

Na evolução pré-biológica, os darwinianos tentam entender como a vida evoluiu de início com base nos elementos químicos inanimados, ou seja, quando, de fato, a vida começou. A principal teoria dos evolucionistas, e que é ensinado nos livros didáticos do Brasil, está firmado no modelo teórico proposto por Alexander Oparin e J. B. S. Haldane durante a década de vinte do século vinte. Esse modelo tinha quatro postulados: primeiro que a atmosfera da Terra primitiva era composta por uma mistura de metano, hidrogênio, amônia e pouco oxigênio livre; o segundo é que dentro dessa atmosfera existiam várias fontes de energia, como relâmpagos; o terceiro postulado era que os compostos da atmosfera de alguma forma se acumularam nos oceanos que ainda estavam debaixo da ação das fontes de energia da atmosfera; e o quarto era que, de alguma forma, a vida surgiu dessa mistura de água com elementos químicos sujeitos à descargas elétricas, que foi chamada de sopa pré-biótica. (LOURENÇO, 2007)

Em 1953 o campo da evolução pré-biótica estava prestes a se tornar um sucesso popular por causa dos experimentos de Santanley Miller. Ele obteve pequenas quantidades de aminoácidos que são considerados os “blocos da vida” por constituírem a base de formação das proteínas, ao aplicar descargas elétricas através de uma mistura de gases que era considerado uma boa aproximação da atmosfera da Terra primitiva. Experimentos posteriores produziram uma grande variedade de aminoácidos e outros compostos empregados no processo genético resultando, assim, num otimismo por parte dos pesquisadores através da conclusão de que os elementos químicos necessários para construir a vida poderiam estar presentes em abundância suficiente na Terra primitiva. (LOURENÇO, 2007)

Mas todo esse otimismo dos evolucionistas ruiu por causa de vários dados experimentais, um deles trata da toxicidade do oxigênio, da água e da luz. Deve-se entender que o organismo mais simples capaz de ter vida é a bactéria e, apesar de ser o mais simples, ela é uma obra-prima de complexidade miniaturizada que faz com que uma espaçonave pareça bem inferior tecnologicamente. Livros de bioquímica possuem centenas de páginas que descrevem centenas de

centenas de complexas reações que ocorrem simultaneamente dentro de um pacote de vida chamado de célula. As células vivas são formadas por quatro elementos principais: carbono, hidrogênio, oxigênio e nitrogênio; dois deles (hidrogênio e oxigênio) se ligam para formar a água. Oxigênio, água e a luz são abundantes na terra, além de serem elementos que a vida depende. O oxigênio é importante por fazer parte essencial do sistema respiratório de muitos animais, inclusive do ser humano; a luz é importante por ser a fonte de energia de vários ecossistemas; e a água é importante porque é a molécula mais abundante nos seres vivos. (FRANCIS, 2010)

Devido a essa importância desses elementos, os evolucionistas, que tentam descobrir como a vida surgiu por meios naturais, devem incorporar a água, o oxigênio e a luz em suas fórmulas para a vida “primitiva”. Mas o interessante é que todos esses três elementos são tóxicos para a vida. Considerando o oxigênio, por exemplo, pesquisadores dizem que ele é tóxico porque, quando ele é quebrado, no sistema respiratório, por exemplo, para produzir energia, ele se transforma em elementos tóxicos intermediários chamados de superóxidos. Se esses elementos químicos não forem neutralizados, eles reagem com a estrutura da célula destruindo-a. Isso significa que, nas reações químicas que ocorrem no organismo, se os oxigênios intermediários (superóxidos) não forem neutralizados a vida é impossibilitada. Mas as células possuem esses elementos para neutralizar o superóxido, uma delas é uma enzima chamada de superóxido dismutase (SOD) que se liga aos oxigênios intermediários (superóxidos) e os neutralizam. Essas enzimas (SOD) estão dentro das células, fora delas e nas membranas das células, a ponto de não ser exagero afirmar que o corpo humano está imerso no SOD porque existe uma concentração de 100.000 SOD para cada superóxido tóxico. (FRANCIS, 2010)

Isso tudo foi dito para mostrar que sem o mecanismo de proteção (SOD) não tem como a célula permanecer viva. E esse é um problema para os evolucionistas, pois eles acreditam que a célula evoluiu de material inorgânico e, depois de mais algumas evoluções, ela teria ficado complexa o suficiente para ter o SOD. Diante dessa informação os darwinistas ficam sem resposta à seguinte pergunta: se as células precisam do SOD para existir, como pode ter existido uma célula que evoluiu de um material inorgânico e que processava o oxigênio? Outra forma de declarar essa sentença é a seguinte: não tem como ter existido uma célula sem o SOD e se a célula surgiu com todo seu material genético e com o SOD de uma vez isso não é evolucionismo, mas criacionismo, pois é este que afirma que os seres vivos foram criados de uma vez e não evoluídos aos poucos.

Fato semelhante acontece com a luz. Como foi dito anteriormente, ela é a base da maioria dos ecossistemas. As plantas não podem viver sem ela. Mas a luz do sol reage com a célula e muda seu DNA causando, assim, mutação, câncer ou a morte da célula. Para evitar esses efeitos maléficos da luz solar, as células possuem mecanismos para reparar o DNA danificado por causa dessa mesma luz. As bactérias, por exemplo, fazem um “backup” reparador através de um processo chamado SOS que é ativado quando o DNA dela é danificado. Esse mecanismo reparador entra no mesmo caso dos mecanismos protetores contra os oxigênios intermediários (superóxidos) que são tóxicos. Ambos são problema para os evolucionistas pelo seguinte fato: ou os mecanismos protetores surgiram antes da célula, no mesmo tempo da célula ou depois. Os evolucionistas estão de acordo que eles não poderiam surgir antes das células, pois eles fazem parte da estrutura da célula; eles nunca existiram sem as células. Falar que eles surgiram antes seria o mesmo que falar que a unha dos pés de uma pessoa surgiu antes que o óvulo fecundado pelo espermatozoide gerasse um ser vivo. Mas esses mecanismos de proteção da célula não poderiam ter surgido depois das células, pois a célula necessita deles para viver. A única resposta é que eles surgiram ao mesmo tempo em que a célula, mas isso não é evolucionismo, mas criacionismo; pois é este que crê que Deus criara a partir do nada os seres vivos completos. (FRANCIS, 2010)

O último elemento que é essencial para a vida, mas que é extremamente destrutivo é a água. Ela possui um enorme poder de destruição porque ele pode destruir as células através de um processo chamado hidrólise: é o fluxo de água para dentro da célula que, se não for controlado, causa o inchamento até que as paredes das células sejam rompidas culminando, assim, na destruição delas. Mas as células possuem mecanismos de proteção contra a água da mesma forma que possui contra o oxigênio e contra a luz. E a mesma pergunta pode ser feita: os mecanismos de proteção surgiram antes, ao mesmo tempo ou depois das células? Se eles não puderam ter surgido antes e nem depois, a única resposta que resta é que eles surgiram ao mesmo tempo da célula. (FRANCIS, 2010)

Esses três elementos (água, luz e oxigênio) para mostrar que não há maneira alguma de a vida ter surgido de elementos químicos inanimados. Tudo isso faz parte do argumento contra o que os evolucionistas chamam de evolução pré-biológica. Na sequência, apresentaremos argumentos que contradizem a ideia dos evolucionistas de seleção natural e mutação.

No livro de Darwin, chamado de *Origem das Espécies*, ele comenta três pontos importantes: o primeiro é que as espécies de seres vivos não são imutáveis, ou seja, novas espécies têm surgido na Terra através de um processo chamado de “descendência com modificação”; a segunda proposição é a de que o processo evolutivo pode ser estendido para explicar toda ou quase toda diversidade da vida, porque todas as coisas vivas descenderam de um pequeno número de ancestrais comuns, talvez um ancestral microscópico; e a terceira proposição do Darwinismo é que esse processo foi guiado pela seleção natural, ou seja, pela sobrevivência do mais apto. (JOHNSON, 2008) Em geral, pode-se dizer que os darwinistas entendem a evolução da seguinte maneira:

As mutações são mudanças genéticas ocorrendo de modo aleatório que [...] podem, de forma ocasional, melhorar ligeiramente a habilidade de sobreviver e reproduzir [das espécies]. [...] e dos descendentes possuidores de uma vantagem desse tipo se espera a produção de mais descendentes [...]. Na medida em que o diferencial de sobrevivência continua, a característica por fim se espalha através da espécie, e pode se tornar a base para mais melhoras cumulativas em sucessivas gerações. Dando-se suficiente tempo, e suficientes mutações do tipo certo, órgãos extremamente complexos e padrões de comportamento adaptativos podem assim ser produzidos em pequenas etapas cumulativas, sem a assistência de qualquer inteligência preexistente. (JOHNSON, 2008, p. 29)

Segundo esse entendimento, novas espécies podem surgir de espécies mais antigas através de mutações. Ainda segundo o entendimento evolucionista, quando uma mutação produz algo vantajoso à espécie, ela é capaz de sobreviver durante mais tempo e, assim, a espécie com desvantagem desaparece (por estar menos adaptada ao ambiente) e a espécie que tem vantagem passa a prevalecer. As evidências dessa proposição será analisada a seguir.

Os dois casos mais famosos que servem de evidência para a seleção natural foi a seleção com mariposas na Inglaterra e o caso dos pássaros nas ilhas Galápagos. O que aconteceu com as mariposas na Inglaterra. Existiam vários tipos de mariposas, quando as árvores ficaram escuras por causa da poluição industrial. As mariposas escuras tornaram-se abundantes porque os predadores tinham dificuldade em vê-las contra o tronco das árvores. Quando as árvores se tornaram mais claras por causa da redução da poluição do ar, as mariposas mais claras tiveram a vantagem. E os evolucionistas usam esse argumento em favor de seus pensamentos. (JOHNSON, 2008)

Mas não se pode dizer que essa é uma história que apoia o evolucionismo, porque as mariposas escuras sempre existiram na população das mariposas, ou seja, elas não foram uma nova espécie que surgira, a população delas apenas variou por causa da poluição. (BOHLIN, 2010) O fato é que não há razões para duvidar que circunstâncias peculiares possam favorecer a proliferação de alguma espécie de animal. Diante disso, o que se afirma é que a seleção natural, no caso das mariposas (e em nenhum outro), nunca produziu novos órgãos, novas espécies ou quaisquer outras grandes mudanças que sejam permanentes (BOHLIN, 2010). Esse também é o pensamento de muitos cientistas. Um cientista francês que era grande defensor do evolucionismo, chamado Pierre Grassé, criticou muito das práticas evolucionistas quando disse:

A 'evolução em ação' de J. Huxley e outros biólogos é simplesmente a observação de fatos demográficos, flutuação local de genótipos, distribuições geográficas. Com muita frequência as espécies em questão tem permanecido praticamente inalteradas por centenas de séculos! Flutuação como um resultado de circunstâncias, com a modificação prévia do genoma, não implica evolução, e temos prova tangível disso em muitas espécies pancrônicas [fósseis vivos que permanecem inalterados por milhões de anos]. (JOHNSON, 2008, p. 38)

Outro exemplo utilizado pelos darwinistas para apoiar a evolução é o caso dos pássaros na ilha de Galápagos. Nessa ilha ocorreu a escassez de pequenas sementes das quais os tentilhões se alimentavam. A consequência disso é que a única comida para eles eram sementes maiores que antes os pássaros não comiam. A observação foi a de que após uma geração houve tanta mortalidade entre os pequenos tentilhões (por não poderem comer grandes sementes) que o tamanho médio dos pássaros aumentou consideravelmente. (JOHNSON, 2008) Esse exemplo entra no mesmo caso das mariposas que mostra apenas variação demográfica da população dos pássaros. Nesse exemplo, não foi criado nenhuma nova espécie de pássaro.

Antes de se passar para o caso das mutações (que para os Evolucionistas é uma das formas mais eficientes de se criar novas espécies) é importante dizer o que foi dito nas seções passadas: o Evolucionismo não está baseado em verdades empíricas, ele é apenas uma necessidade filosófica de pessoas que tentam ver o mundo de maneira a tirar Deus dele. Os exemplos das mariposas e dos tentilhões são tão fracos que nenhuma teoria deveria ser tirado deles. Diante dessas circunstâncias, é importante lembrar, novamente, de uma citação que já foi colocada em sessões anteriores:

Os darwinistas algumas vezes descobrem evidência confirmadora, assim como os marxistas descobriram os capitalistas explorando os trabalhadores e os freudianos analisando pacientes que disseram que queriam matar seu pai e casar com sua mãe. Eles descobrem mais instâncias de microevolução, ou exemplos adicionais de relações naturais, ou um grupo fóssil que podem ter contido um ancestral dos mamíferos modernos. O que nunca descobrem é a evidência que contradiga a tese do ancestral comum, porque para os darwinistas tal evidência não pode existir. O 'fato da evolução' é verdade por definição, e desse modo a informação negativa não é interessante, e geralmente não publicável. (JOHNSON, 2008, p. 154)

Um exemplo que serve para ilustrar bem o que os darwinistas pensam sobre a evolução é o caso da formação dos olhos. Eles dizem algo parecido com o seguinte:

Alguns animais unicelulares têm um ponto fotossensível com uma pequena tela de pigmento atrás, e em alguns animais multicelulares uma disposição semelhante é disposta numa taça, que concede uma capacidade aperfeiçoada de localizar direções. O náutilo antigo [molusco cefalópode marinho] tem um olho tipo orifício sem lente, os olhos da lula adicionam as lentes, e assim por diante. (JOHNSON, 2008, p. 45)

Outro exemplo famoso é o da asa. Os evolucionistas dizem que os primeiros animais que desenvolveram algo parecido com as asas tiveram algo como uma prega de pele ou membrana interdigital que podia ajudar uma criatura a pular mais longe, ou impedir a quebra do pescoço na queda. Por fim, uma proto-asa pôde se desenvolver a um ponto em que a criatura começaria a planar e, através de melhorias graduais se tornara capaz de voar genuinamente. (JOHNSON, 2008)

Johnson ajuda a entender a dificuldade em se pensar da forma como os evolucionistas pensam quando disse:

Muitos órgãos exigem uma intrincada combinação de partes complexas para realizar suas funções [...]. O primeiro passo para nova função – tal como a visão ou a habilidade de voar – não fornecia, necessariamente, qualquer vantagem a menos que as outras partes exigidas para a função aparecessem ao mesmo tempo. Como uma analogia, imagine um alquimista medieval produzindo por acaso um microchip de silício. Na ausência de uma tecnologia de suporte computacional a prodigiosa invenção seria inútil e ele a jogaria fora.. (JOHNSON, 2008, p. 45)

Isso tudo significa que, para que um animal tenha uma visão, por exemplo, funcionando plenamente, muitas partes complexas devem funcionar juntas. Citando novamente o olho, mas vale também para o caso da asa, pode-se dizer que um olho completo é inútil se o animal não tiver a capacidade mental e neurológica de utilizar a informação. Isso tudo significa que uma mutação que forneça uma vantagem útil para um animal deve ser acompanhada, de uma vez, de toda complexidade de estruturas que deem vantagem à criatura de sobreviver. (JOHNSON, 2008) Diante disso, a única forma de todas as partes complexas e inter-relacionadas de um animal serem juntamente reformadas numa só geração é através de uma “macromutação” genética. Mas isso é impossível de ocorrer, pois

As mutações são consideradas originárias de erros aleatórios na cópia de comandos do código genético do DNA. Supor que tal evento aleatório pudesse reconstruir até mesmo um único órgão complexo, como o fígado ou o rim, é tão aceitável quando supor que um relógio melhorado pudesse ter sido criado se lançando um velho relógio contra a parede. (JOHNSON, 2008, p. 48)

Isso tudo mostra que a mutação que os evolucionistas postulam existir para gerar novas espécies é impossível de ocorrer. Mas a crítica mais pesada contra a existência das mutações veio dos matemáticos, ou como afirma Bohlin

[...] not only is the type of mutation a problem, but so is the rate of mutation. Susumo Ohno points out that it still takes 10 million years to undergo 1% change in DNA base sequences... The emergence of nearly all the extant phyla of the Kingdom Animalia within the time span of 6-10 million years can't possibly be explained by mutational divergence of individual gene functions⁷ (BOHLIN, 2010, p. 90)

O artigo não está defendendo a posição dessa última citação com relação aos anos, mas apenas está mostrando que dentro do próprio meio científico, existem muitos que não creem que o Evolucionismo de fato ocorreu.

Até agora foi mostrado que a evolução pré-biótica não pode ter ocorrido, foi mostrado que o processo chamado por seleção natural não pode produzir novas espécies e foi mostrado que a

⁷ [...] não somente o tipo de mutação é um problema, mas a taxa em que ela acontece. Susumo Ohno disse que demora em torno de 10 milhões de anos para mudar a base sequencial no DNA em 1%... mas o surgimento dos animais no espaço de tempo de 6-10 milhões de anos não pode ser explicado pela mutação de individuais genes.

mutações genéticas que produzem novas espécies de animais são impossíveis de ocorrer, além de não haver unanimidade dentro do próprio meio científico.

Na sequência, far-se-á um questionamento sobre os registros fósseis que também é um dos principais problemas das mutações pelo seguinte fato: se é necessário haver vários animais intermediários entre uma espécie e outra, onde estão os fósseis dessas espécies intermediárias?

Para introduzir essa parte, vale citar algo que o próprio Darwin disse:

Firstly, why, IF species have descended from other species by insensibly fine gradations, do we not everywhere see innumerable transitional forms? Why is not all nature in confusion instead of the species being, as we see them, well defined.⁸ (DARWIN, 1859, p. 173)

No começo da teoria de Darwin os principais opositores a ele não foram os líderes religiosos, mas os especialistas em fósseis, isso porque, até para o próprio Darwin, o número de elos intermediários e transicionais entre todas as espécies vivas deveria ser algo inconcebivelmente grande. (LOURENÇO, 2007) Apesar disso, o que os geólogos descobriram foram espécies que apareceram de “súbito” em vez de terem evoluído. Um próprio evolucionista chegou a confessar

A história da maioria dos fósseis das espécies inclui duas características particularmente inconsistentes com o gradualismo:

1. Estase. A maioria das espécies não exhibe mudança direcional durante seu domínio na Terra. Elas aparecem no registro fóssil parecendo muito igual do modo quando desaparecem; a mudança morfológica é no geral limitada e sem direção.
2. Surgimento abrupto. Em qualquer área, uma espécie não surge de modo gradual pela transformação constante de seus ancestrais; ela aparece de uma vez e “totalmente formada”. (JOHNSON, 2008, p. 59)

Ou seja, a evolução significa a mudança gradual de um tipo de organismo em outro, mas isso não está nos registros fósseis. (LOURENÇO, 2007) Um exemplo clássico desse problema é o do morcego e da baleia. O Evolucionismo diz que eles possuem um tipo de “roedor” que seria

⁸ Já que as espécies descendem de outras, tendo-se afastado das ascendentes de maneira gradual e imperceptível, por que não se apresenta toda a natureza como uma grande confusão de espécies, em vez de ser assim como a vemos, ou seja, com as espécies muito bem definidas?

ancestral de ambos. Mas muitas espécies intermediárias teriam de ter existido entre eles, algumas das quais deveriam ter sido numerosas e vivido por muito tempo; mas não há nenhuma delas nos registros fósseis. Outro problema com relação ao registro fóssil que os Evolucionistas enfrentam trata da “explosão cambriana”, ou como afirma Johnson,

O maior de todos os problemas que o registro fóssil apresenta para o darwinismo é a ‘explosão cambriana’... Quase todos os filões de animais aparecem nas rochas desse período sem um traço de ancestrais evolutivos que exigem os darwinistas. Como Richard Dawkins disse: ‘É como se estivesse plantados lá, sem nenhuma história evolutiva’. No tempo de Darwin não havia nenhuma evidência da existência de vida pré-cambriana, e ele admitiu no *Origem das Espécies* que ‘por ora, o caso ainda deverá permanecer inexplicável, podendo ser usado como argumento de peso contra as ideias que aqui defendemos’. Se sua teoria fosse verdadeira, escreveu Darwin, o mundo pré-cambriano deveria “ter se enxameado de criaturas vivas. (JOHNSON, 2008, p. 62)

O que se percebe nos registros fósseis é que de súbito aparecem vários animais e de subido eles são extintos. Diante desse fato, muitos cientistas postulam que o evento que provocou o sumiço dos animais fora desastres ambientais. Ou seja, para eles, o que faz uma espécie de animal permanecer viva é o alto índice de especiação e forte resistência à extinção; fato que não faz referência à expectativa tradicional de melhora do *design* morfológico por meio de mutações. (LOURENÇO, 2007; JOHNSON, 2008)

Independente de se crer na extinção de animais através de catástrofes ambientais ou não, o que foi colocado acima é para mostrar que nem entre os cientistas há unanimidade em se afirmar que o ser vivo assim permanece por causa da evolução.

Essas questões dos registros fósseis foram colocadas para mostrar que, como teoria científica, o Evolucionismo precisa de comprovação experimental. Uma das mais importantes comprovações seria achar os “elos perdidos” entre as espécies de animais, mas isso nunca foi encontrado. E porque não se divulga isso? Johnson cita as frases de um famoso paleontólogo que disse que:

Cada nova geração, parece, produz alguns poucos jovens paleontólogos desejosos de documentar exemplos de mudança evolutiva nos seus fósseis. As mudanças que têm sempre procurado têm, é claro, sido do tipo gradual e progressivo. Mais do que

frequentemente seus esforços não têm sido recompensados – seus fósseis, em vez de exibirem o padrão esperado, só parecem persistir virtualmente sem mudança... Esse extraordinário conservadorismo pareceu, ao paleontólogo entusiasmado em encontrar mudança evolutiva, como se a evolução não tivesse acontecido. Assim, estudos documentando a persistência conservadora em vez de mudança evolutiva gradual foram considerados fracassos e, como regra, nem sequer foram publicados. A maioria dos paleontólogos estava ciente da estabilidade, da falta de mudança que chamamos de estase... Mas até onde se relaciona à própria evolução, os paleontólogos geralmente viram a estase como ‘sem resultados [evolutivos]’ em vez de uma contradição da predição da mudança evolutiva gradual e progressista. As lacunas no registro fóssil continuam (até hoje) a ser invocadas como a razão principal por que poucos casos de mudança gradual são encontrados. (JOHNSON, 2008, p.67)

Essas afirmações são de um cientista e mostra o quanto o Evolucionismo é contraditório no meio acadêmico, mesmo sendo “blindado” pelos estudiosos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante o que foi exposto, pode-se chegar a algumas conclusões. A primeira é que a evolução pré-biológica nunca aconteceu. Isso foi mostrado pela necessidade de mecanismos de proteção ter surgidos junto com as células. A segunda conclusão foi que o que os evolucionistas chamam de seleção natural não pode e nunca produziu novas espécies. A terceira conclusão é a de que mutações não podem produzir novas espécies e nem novos órgãos especializados. E a quarta conclusão é que os registros fósseis não mostram que existiram espécies de animais que seriam intermediários entre espécies de animais evoluídas.

Diante de tudo o que foi dito, deve-se lembrar de que o Darwinismo surgiu na sociedade ocidental como uma grande cadeia de pensamento que se afastou gradativamente de Deus. Vale lembrar que primeiro tiraram Deus do “mecanismo do mundo” com o deísmo, que começara a ser plantado com Newton, e depois tentaram tirar Deus no pensamento biológico, que foi justamente com o Darwinismo.

Juntando os dois últimos parágrafos, a conclusão final que se chega é a mesma que já foi argumentado em seções anteriores: a evolução darwiniana nunca aconteceu, pois não está firmada em fatores empíricos. Isso tudo significa que o darwinismo não passa de uma cosmovisão que é hostil ao cristianismo.

REFERÊNCIAS

BAVINCK, H. *Dogmática Reformada*. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

BEHE, M. A Caixa-preta de Darwin: o desafio da bioquímica à teoria da evolução. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BOHLIN, R. Limits to Evolvability. In: DEMBSKI, W. A.; LICONA, M. R. Evidence for God: 50 arguments for Faith form the Bible, History, Philosophy, and Science. Michigan: Grand Rapids, 2010.

BUSH, L. R. Naturalism: a world view. In: DEMBSKI, W. A.; LICONA, M. R. Evidence for God: 50 arguments for Faith form the Bible, History, Philosophy, and Science. Michigan: Grand Rapids, 2010.

COSTA, H. M. P. *Raízes da Teologia Contemporânea*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

DARWIN, C. *On the Origin of Species*. London: John Murray, 1859

DEMBSKI, W. A.; LICONA, M. R. Evidence for God: 50 arguments for Faith form the Bible, History, Philosophy, and Science. Michigan: Grand Rapids, 2010.

ELWELL, W. A. *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*. São Paulo, Vida Nova, 1998.

FRANCIS, J. W. Oxygen, Water, and Light, Oh My!: The toxicity of life's necessities. In: DEMBSKI, W. A.; LICONA, M. R. Evidence for God: 50 arguments for Faith form the Bible, History, Philosophy, and Science. Michigan: Grand Rapids, 2010.

GONZÁLEZ; J. L. *História ilustrada do cristianismo: a era dos reformadores até a era inconclusa*. São Paulo: Vida Nova, 2011.

GRENZ, S. J.; OLSON, R. E. *A teologia do século 20: Deus e o mundo numa era de transição*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

JOHNSON, P. E. Darwin no banco dos réus. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

LOURENÇO, Adauto. *Como tudo Começou – Uma introdução ao Criacionismo*. São José dos Campos: Fiel, 2007.

MACGRATH, A. E. *Fundamentos do diálogo entre Ciência e Religião*. Ipiranga: Loyola, 2005.

MORELAND, J. P.; REYNOLDS, J. M. *Criação e evolução: 3 pontos de vista*. São Paulo: Vida Nova, 2006.

NUSSENZVEIG, H. M. *Curso de Física Básica: Mecânica*. São Paulo: Edgard Blücher, 2004.

PORTELA, F. S. *O que estão ensinando aos nossos filhos?: uma avaliação crítica da pedagogia contemporânea apresentando a resposta da educação escolar cristã*. São José dos Campos: Fiel, 2012.

RICHARDS, J. W.; GONZALEZ, G. The Pale Blue Dot Revisited. In: DEMBSKI, W. A.; LICONA, M. R. *Evidence for God: 50 arguments for Faith from the Bible, History, Philosophy, and Science*. Michigan: Grand Rapids, 2010.

SINCLAIR, F. B. *Novo dicionário de teologia*. São Paulo: Hagnos, 2009.

TENNEY, Merrill C. *Enciclopédia da Bíblia*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

WIKER, B. *Moral Darwinism: How We Became Hedonists*. Illinois: InterVarsity Press, 2002.

YOUNGBLOOD, Ronald F. *Dicionário Ilustrado da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 2004.